

minoria, em circunstâncias tam acidentadas, que não merecem referência especial.

Comércio. — As relações comerciais do indígena, salvas algumas excepções, estão circunscritas ao asiático. Com êste, de preferência, negoceia, por um velho sistema de permuta, os seus géneros agrícolas. Ele entrega «quissapo» de mapira, de milho, de feijão ou mandioca, e recebe, em troca, umas tantas jardas de mau pano, um naco de sabão, algumas missangas, uma caixa de fósforos e três a quatro cigarros. Hoje, se ainda não satisfez o seu compromisso anual para com o Estado, recebe em escudos. Chamei velho sistema a esta forma de comércio porque, como já me foi dado expor, desde longínquas eras que o achirima mantém relações desta natureza com os asiáticos, pois asiáticos foram os primeiros compradores de marfim e escravos que, entre êles, apareceram. O achirima, de resto, facilmente comercializa tudo quanto possui: um cão ou uma azagaia; a mulher ou uma filha. Esta original maneira de comércio mantém-na, geralmente, com os da sua côr. A troca de cão por marimba; de galinha por azagaia; de mulher por mulher ou de filha sua por filha de outrem, é praticada, em larga escala, por todos os *nihimos* achirimas.

Impõe-se acrescentar a estas breves notas que as novas mulheres desta forma obtidas são, a breve trecho, objecto dos instintos animais de cada qual dos permutantes.

Arte. — Manifestações artísticas, na verdadeira exegese do termo, não se verificam entre os componentes da tribu. Em boa verdade possuem certa sensibilidade, determinada noção do belo e do maravilhoso — no architectar de contos, lendas e canções, e na expressão emocional (mixto singular de espanto e de surpresa) com que costumam observar casos ou efeitos de beleza. Pode dizer-se até que êles acompanham êsse drama portentoso que vai do belo horrível ao divino belo, auscultando-o, perscrutando-o, sentindo, finalmente, todo o seu imenso potencial polar. Quero referir-me à violência com que estes antagonicos sentimentos ecoam no ânimo achirima e à vibratiliade que choque tal nêle ocasiona. Se olhando asqueroso ofídio, prontamente cuspinha enojado, fugindo; se contemplando linda ave, preso se fica ao

Carta, Soares de
Os Achirimas (Ensaio Etnográfico)
Imprensa Nacional de Papambique, Lourenço Marques, 1941

seu encanto, dando largas a infantis exclamações admirativas. Todos os modernos benefícios que a civilização trouxe ao homem dêste século e o colono vai exibindo pelo interior, lhe causam, a par de indefinido assombro, uma profunda admiração.

Contudo, essas reminiscências artísticas, não tocaram as labaredas do génio, visto que nem a pedra, nem o papel, o barro ou a tela as patenteiam ainda. As panelas de barro e os manípulos a que já aludimos, não podem ser considerados manifestações artísticas.

A sua peculiaríssima coreografia, poderíamos chamar evidência de arte, se não fôsse a grotesca animalidade que lhe imprimem, quer em inspiração, quer em ritmo.

Música. — Bárbara-embora, com ritmos e cadências próprias, coexiste no gôsto e no ouvido achirima, fortemente, pronunciado sentido musical. A provar êste facto está a facilidade com que traduz, nos seus tam primitivos instrumentos, o ritmo das canções árabes e europeias. Servindo-se do batuque ou da marimba, quer variando os sons, quer intervalando-os, o Orfeu negro transmite o seu momentâneo estado de alma, ou então a dolência arrastada ou violenta das modinhas em voga nos povoados. A forte dissonância e uma pronunciada balbúrdia, são características fundamentais da música achirima.

Falando sôbre os **instrumentos musicais**, diremos que são três os tipos de batuque usados pelos achirimas. Vamos tentar descrevê-los pela seguinte ordem :

Eniki (grande). — É um instrumento feito do tronco de mecrusse (*Androstachis johnsonii*), medindo 2^m,80 de comprimento por 0^m,90 de raio. É ôco, interiormente. Os bordos medem, aproximadamente, 0^m,10. Em cada uma das extremidades é êste instrumento revestido de couro de búfalo, depois de curtido para o feito.

Assim dispostos, depois de convenientemente aquecidos ao fogo, emitem estes couros fortes sons ao contacto contundente de uma potente batuta, vibrada por mão humana.

Ekoma inlupàli (imediato). — É um instrumento feito de madeira da região, medindo 1^m,70 de comprimento por 0^m,50 por 0^m,90 de diâmetro, respectivamente, numa e noutra extremidade. Semelhante a um grande vaso, é interiormente cavado e apenas o bôjo superior revestido de couro.

Epèténé (mais pequeno). — É um instrumento muito primitivo, igual em tamanho e aparência ao usado pelo nosso exército.

Há ainda a *marimba*, espécie de pianola rudimentaríssima, feita de madeira local. Na parte inferior do teclado tem uma série de cabaças vulgares, de tamanhos desiguais, ligadas ao instrumento por meio de tiras de pele; cada uma das teclas vibra ao contacto moderado de uma pequena batuta.

Poesia. — Sem escrita, sem lenda sequer, a poesia anda na momentânea inspiração dos vates achirimas (mixto curioso de trovadores e jograis), que, improvisando séries de versos, os cantam ao som do batuque ou da marimba, em noitadas de festival. São espirituosas alusões a factos passados, defeito físico ou beldade presente. Estas os recolhem e levam dali, na memória, para remotas paragens e depois os entoam numa arrastada dolência, por machambas ou veredas. Por vezes, com um saboroso fundo crítico-social, tais composições poéticas não obedecem a qualquer metrificacão ou rima. Versos emparelhados, no geral, libérrimos na forma e no sentido — versos infância inocente de uma literatura exótica —, tresandando a húmus, têm o subtil condão de traduzir, em ímpetos de fogo, a mágica sertaneja.

Seja-me permitido dar aqui algumas imagens da poética achirima:

*Ki ia à épotha iá idvira
miò óhala iòthumiá ni òlumuiéngu.*

O que poderemos traduzir, muito livremente, por:

Sou de escravos oriundo,
estou vendido a êste Mundo.

*Othumira m'tiana ni êkóthò
féntu n'zua òthumira ó ètháia.*

O que, em português, significaria :

Gozar mulheres e guerra,
como o sol goza a terra.

*Ethipò ésuà
èthipò uluvalà,
zòténe òlòkia èthipò.*

... ..
*émózà miúku fénto èléló
èkòhi duéria òkòpòlá.*

Estas rimas poderão ser assim interpretadas :

Cantiga, novos,
cantiga, velhos!
— tudo deve cantar!

... ..
Dia como hoje
não pode voltar.

Ciência. — *Medicina* — A terapia é o ramo da ciência mais desenvolvido, quiçá mais curioso da vida achirima. Duo de herbolário e de feiticeiro, o terapeuta do *nihimo*, formado no sertão, opera, no início de determinadas doenças, maravilhosos casos de cura. Conhecendo, como ninguém, a botânica sertaneja, suas virtudes teriagas, ora das raízes, ora da casca, da seiva ou das folhas, dos mais variados vegetais extrai *murretos* (medicamentos), que, convenientemente manipulados em rudimentar laboratório, irão sanar totalmente ou aliviar muito males alheios. Casos venéreos, de tuberculose, esterilidade feminina ou masculina, nevralgias, úlceras; de lepra, na primeira fase, encontram rápido lenitivo, se não uma cura total, na miraculosa terapêutica. Já me foi dado verificar interessantíssimo caso em que, tendo uma po-